



RESENHA

PINHEIRO, M. R.; BINGEMER, M. C. L. (Orgs). **Mística e filosofia**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2010.

Aproximações entre Mística e Filosofia

ELTON MOREIRA QUADROS*

Em 2007, foi realizado na PUC-RIO o colóquio Filosofia da Religião, em que se discutia um tema poucas vezes visto na academia, os pontos de convergências entre a filosofia e a mística. Em alguma medida, poderíamos dizer que, mesmo vivendo em tempos aparentemente contrários ao racionalismo científico, esse ainda é um tema marginal na universidade.

Desse congresso, surgiu a coletânea de artigos em forma de livro *Mística e Filosofia*, organizado pela Maria Clara Lucchetti Bingemer e Marcus Reis Pinheiro, com artigos que discutem a partir da poesia, ciência, arte, linguagem, teologia etc. e tratam também de autores tão diversos quanto um clássico da mística filosófica, como Plotino, e um filósofo aparentemente distante da mística, como Schopenhauer, ou mesmo um místico árabe do século XIII chamado Rûmî.

Se a mística deseja alcançar a totalidade, a coletânea de artigos editada pela PUC-RIO/UAPÊ apresenta uma multiplicidade de leituras e perspectivas sobre a mística que ampliam as possibilidades de uma reflexão contemporânea sobre o fazer da filosofia em contraste com a tradição moderna e amplamente arraigada nos cursos de filosofia.

A experiência mística contesta a visão de conhecimento, uma vez que a mística advoga uma união entre sujeito e objeto, entre pessoa e divino, que supera a dicotomia tradicionalmente apresentada nas disciplinas de epistemologia, que, em grande medida, desafia a própria definição estrita de conhecimento – além de estar nas possibilidades de aberturas para novas perspectivas de refletir o conhecimento para o qual o diálogo entre mística e filosofia aparece como um caminho fértil e necessário.

O volume resenhado apresenta-se como um desafio à metafísica moderna e ao pensamento sistemático além do indiferentismo ao sagrado, presentes no mundo acadêmico atual.

O artigo de Carneiro Leão destaca o caráter de não ação da mística de Eckhart, em alguma medida, a experiência mística é um “deixar ser, deixar ser”, “deixar o fazer nos fazer”. Somente a partir dessa atitude de desapego/disponibilidade, podemos encontrar, segundo o místico alemão, a atitude originária e experimentar-nos (misticamente) “o mundo, o homem, Deus, em nós mesmos e nos outros” (pág. 12).

Carneiro Leão aponta para a questão que pode, aparentemente, levar as pessoas a desconfiar que a mística e seu

“discurso” do desapego e abandono sejam somente uma negação, mas há um efetivo desejo de liberdade que leva à independência (desapego) e que leva à liberdade também, mas entendida como criação. O desapego que liberta, liberta a possibilidade de criar a partir do “nada” a que se chegou com o desapego inicial e isso seria uma característica de quase toda a mística, ou seja, a ideia do esvaziamento como abertura a algo muito maior e, além de impulsionador, transformador.

Faustino Teixeira apresenta no artigo *Rûmî e o canto da unidade* o místico persa, que, com uma linguagem específica, possibilita captar e tornam plausíveis a “compreensão” das dimensões mais profundas da realidade e que podem auxiliar no alargamento dos horizontes do pensamento filosófico, para que alcance a globalidade ou, como afirma Teixeira, o olhar sobre a realidade cultural e religiosa do Oriente, pode contribuir para que não se escape nada ao olhar culturalmente marcado dos filósofos ocidentais.

O pensamento da filósofa e mística francesa Simone Weil é apresentado no texto de Maria Clara Lucchetti Bingemer, *Mística e filosofia: a propósito de Simone Weil*. A primeira reflexão apresentada pela autora do artigo está no fato da possibilidade de confrontar mística e filosofia, uma vez que a mística trata-se de uma “experiência irredutivelmente pessoal” (pág. 35); logo, parece confrontar o caráter universalista da filosofia. Qual o princípio hermenêutico que poderia dar conta de investigar tal experiência irrepetível?

Partindo da contextualização da experiência, relacionando-a a partir do pensamento especulativo ocidental, Maria Clara Bingemer expõe a relação

entre a experiência mística dessa filósofa do século XX e o seu pensamento filosófico, indicando o efetivo movimento realizado entre a experiência e a comunicação da mesma através do discurso filosófico. Em alguma medida, poderíamos pensar que, do ponto de vista pessoal, Simone Weil sente-se tomada por Cristo e, do ponto de vista filosófico, está obcecada pela verdade, daí depreendemos que a mística pode ser uma experiência que impulsiona o filosofar (e sua busca pelo universal) da pensadora francesa.

As diversas possibilidades de interpretação da mística em relação à poesia são apresentadas em três artigos. Eduardo Guerreiro Brito Losso aborda, a partir da poesia brasileira contemporânea, uma discussão sobre uma mística secularizada, intencionando realizar uma reflexão sobre as relações entre mística e literatura, já bastante abordadas no caso de autores como Kafka e Musil; Eduardo Losso encontra no livro de Renato Rezende lançado em 2008, além da contemporaneidade do estilo, um apontar para uma mística secularizada e que parte do conflito psicológico como laboratório da ascese, entendida aqui não mais da leitura de místicos espiritualistas, mas a partir de uma secularização, uma mística nascida entre as instalações pós-modernas e neste ambiente de internet, TV, psicanálise etc.. O artigo, *Mística secularizada na poesia brasileira contemporânea: leitura de Noiva, de Renato Rezende*, pretende trazer questões novas não só para a discussão da mística como da própria poesia e da pós-modernidade.

No artigo *A poética como mediação entre filosofia e mística*, Eliana Yunes realiza uma reflexão sobre a questão da linguagem, tanto filosófica quanto mística, e aponta para a linguagem

poética como a mediadora, por excelência, entre uma e outra. Em alguma medida, a linguagem poética – com as suas possibilidades de conter a contradição, os paradoxos, metáforas e metonímias – internamente, possibilitando, portanto, que aquilo que seria impossível de ser dito, possa ser, pelo menos, intuído, para além do discurso lógico – possibilita que a reflexão sobre a sabedoria, a mística, o amor, o absoluto, Deus, o vazio sejam, agora, possíveis de serem ditos, inclusive, o silêncio originário que só será aceito e reconhecido na linguagem poética.

A questão da linguagem também é discutida, dessa vez, a partir do romantismo alemão, no artigo *Insondável religião romântica: filosofia e poesia como linguagem mística*, de Pedro Duarte de Andrade.

O romantismo teve a religião como um ponto importante, porém, pouco tratada enquanto fenômeno religioso ou institucional. No entanto, principalmente para a primeira geração romântica que floresceu entre os anos de 1790 e 1800, a questão fundamental era o caráter místico da linguagem e as possibilidades desta na relação entre filosofia e poesia. Os principais autores abordados por Pedro Andrade são os irmãos Schlegel, Novalis e Schleiermacher. Para esses autores, o caminho para sondar os mistérios humanos está na linguagem e, somente através dela, os homens poderão encontrar o caminho para o absoluto, para a unidade e para Deus.

Nos estudos de mística, o filósofo Plotino aparece como um dos principais protagonistas das tentativas filosóficas de realizar uma compreensão sobre o Uno e sobre o modo de comunicar, de “dizer” o Uno. Nesse sentido, temos dois artigos que tratam do pensamento

de Plotino, sendo o de Marcus Reis Pinheiro, *O aprendiz do belo: a arte-ética em Plotino*, uma exposição que reflete sobre a questão do belo e da filosofia de Plotino uma busca estética em que a paixão pelo Uno-Bem seria fruto das motivações de Eros, uma vez que o belo é um objeto do amor, portanto, estamos aqui numa discussão sobre o belo e sobre o bem, ou seja, estética e ética.

Essa abordagem do filósofo neoplatônico parte sempre das considerações metafísicas da sua obra. Assim, expor as relações entre estética e ética implica apontar para uma conversão dos indivíduos em direção ao inteligível, ao Uno.

As dificuldades do discurso sobre o Uno são apresentadas no artigo *O limite do discurso em Plotino*, de João Carlos Baracat Jr. Como um dos primeiros a tentar exprimir o absoluto, Plotino enfrenta em sua filosofia a “desesperante obscuridade” até chegar aos limites da própria linguagem que deseja expressão o inefável.

Nos artigos sobre a filosofia de Schopenhauer e a mística – *A experiência mística em Schopenhauer*, de Leandro Chevitarese, e *A doutrina da predestinação e a filosofia de Schopenhauer*, de Renato Nogueira Jr – encontramos uma discussão interessante e pouco usual sobre a filosofia de Schopenhauer, em que se demonstra que, para o filósofo alemão, a “experiência mística” surge da incapacidade da razão humana dar conta do mistério do mundo.

Por fim, no artigo *Teologia, ciência ou metafísica?*, de Júlio Fontana, temos a abordagem, a partir de Karl Popper, do estatuto científico da teologia e da metafísica e, no último texto dessa interessante coletânea que reflete sobre

mística e filosofia, temos o artigo *A espiritualidade da beleza*, de Edson Fernando de Almeida, sobre a relação beleza e mística e como o belo pode ser um caminho para a ascese do espírito.

Temos, com essa publicação, um rico material para refletir sobre as possibilidades de enfrentamento da

verdade, da beleza, do espírito através de uma experiência que atravessa as culturas, os anos e que, ainda hoje, pode servir para um profícuo diálogo com a filosofia. Estamos falando dessa quase desconhecida no mundo acadêmico atual – a mística.

*



ELTON MOREIRA QUADROS é Professor de Filosofia e mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB.